

A IMPRENSA.

ORGÃO DO PARTIDO LIBERAL.

A IMPRENSA publicação semanal. Assignatura por ano 105000 reis, por semestre 55000 reis. Publicações de interesse particular — conforme o ajuste, devendo virem os autographos responsabilidade, sem o que não serão publicadas; do mesmo modo as correspondencias isentas de pagamento.

ANNO XXIV.

THERESINA, — SABBADO, 1.º DE DEZEMBRO DE 1888.

NUMERO 1049.

A IMPRENSA

THERESINA, 30 DE NOVEMBRO DE 1888.

DISCURSO.

O illustre parlamentar sr. senador Candido de Oliveira, uma das mais possantes mentalidades do senado brasileiro e um dos membros do partido liberal que mais tem atacado a situação politica que atravessamos, situação que tem posto em ruinas os créditos da patria e as instituições que nos regem, — produziu na sessão de 17 de outubro o discurso que com satisfação transcrevemos.

N'ello o distincto parlamentar reduziu as suas justas proporções o fôro orgulho do actual ministro da agricultura, deixando provado que mais de uma vez s. exc. tem deixado de cumprir o seu dever.

Chamamos para o discurso do sr. C. de Oliveira a attenção dos nossos leitores:

O Sr. Candido de Oliveira (para uma explicação): — Sr. presidente, é-me absolutamente indifferente que o Sr. senador Antonio Prado diga ou não os discursos que profiro nesta Camara. Igualmente o conceito bom ou mau de S. Exc. a meu respeito não me tirará o sono, assim como também não me fará perder o sangue frio, nem as suas grosserias, nem as glorias de qualquer genero que na sua vida publica tenha conseguido.

Mas um ministro de estado tem obrigação de ouvir o que dizem aqui os representantes da Nação, sobretudo tratando de negocios que dizem respeito á sua repartição. A este dever comezinhão acaba de faltar o Sr. senador por S. Paulo, e foi por assim dizer o facto que veio á tribuna com aquelle inqualificavel desazo de que o Senado foi hontem testemunha.

Entre para aqui ha apenas dois annos; mas já se vão 10 compridos annos que tenho a honra de pertencer ao parlamento de meu país. Até hoje não me pesa na consciencia nenhuma discussão pessoal, nem igualmente (ahi estão os *Annos* para desdormir em meu favor) já não deixei de argumentar com a boa fé e a delicadeza de que é preciso que os representantes da Nação se revistam sempre.

Ora, eu discorreria, em uma das ultimas sessões, a respeito dos negocios do Ministerio da Agricultura, e o Sr. Ministro, em lugar de acompanhar o debate, como o dever do cargo lhe impunha, retirou-se do recinto. Já antes S. Exc. havia se limitado a ligeiramente dar resposta a alguns dos oradores que tinham intervindo no debate, como que propositalmente deixando de tomar em consideração uma só das muitas arguições que, durante longo tempo, tive de apresentar ao Senado, não aereamente, não divagando, mas deduzindo e enumerando factos sobre os quaes pedia explicações ao governo.

Estranhando Sr. presidente, este procedimento do Sr. Ministro, occupei-me com aquelle additivo que, pela Camara dos Srs. Deputados, tinha sido enviado ao Senado, e em virtude do qual as posses criminosas, aqui ricas depois da execução da lei de 1850 e do regulamento de 1854, tinham de ser legitimadas. E trouxe semelhante disposição, que julgava inconveniente e até immoral, pedindo ao mesmo tempo ao Sr. ministro explicações dos motivos que o levaram a admittila.

S. Exc. nenhuma explicação quiz dar, o que me autorizou a concluir, e o fiz perante o Senado, que, visto a carencia de explicações, eu me julgava autorizado a pensar que um tal additivo não consultava os interesses publicos, mas simplesmente interesses de apanguidos politicos de S. Exc. no valle do Paranapanema.

Com isto quiz dar-se por offendido o Sr. ministro.

Evidentemente não teve razão; o Senado bem comprehende que nenhuma injuria irroguei lhe.

Era uma conclusão a que meu espirito chegava, visto que o governo não offerecia ao parlamento uma justificação a esta singular derogação das regras do Direito.

No entanto, hontem, S. Exc., com uma descabida energia, pediu-me provas. Outra extravagancia.

Como é que se podem dar provas de um conceito que nos vem do espirito por indução?

Todavia, si por essas provas o nobre Ministro ainda insta, eu as dou pela forma mais completa — com o voto do Senado, que, hontem, logo depois das phrases injuriosas de S. Exc. e da minha réplica, em votação, duas vezes verificada por iniciativa mesmo de S. Exc., repetiu o additivo da Camara dos Deputados.

Ora, tendo sido eu o unico senador que se pronunciou aqui da tribuna contra esse additivo, é claro que a razão que actuaram no espirito do Senado para votar contra a medida da Camara foram as que eu externei e assim a prova pedida está dada pelo voto do Senado.

O Sr. VISCONDE DE CAVALCANTE: — A commissão de orçamento já tinha proposto a separação.

O Sr. CANDIDO DE OLIVEIRA: — Mas fui eu o unico que discuti.

O Sr. VISCONDE DE CAVALCANTE: — A emenda da commissão foi apresentada antes do incidente.

O Sr. CANDIDO DE OLIVEIRA: — O Senado votou logo depois do incidente de hontem, e não ainda bem vivas as palavras do Sr. Ministro.

Quanto, Sr. presidente, ao conselho que me dá o nobre Ministro; eu o despenho.

Não entramos para esta Augusta Camara no mesmo dia; eu, eleito na opposição, representante de um partido em ostracismo; S. Exc. que sentou-se na cadeira de José Botaforno trazido pela força do governo.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Não apoiado; e tem sibiho honra!

O Sr. CANDIDO DE OLIVEIRA: — Eu, Sr. presidente, filho obscuro do povo lutando pela vida, trabalhando com honestidade para manter minha familia e poder encerrar impavidamente os potentados do dia, aqui cheguei com S. Exc.!

Só por este contraste vê o Sr. Ministro que não sou eu que tenho recos de confrontos em sua reputação; bem vê que um homem que humilde e obscuro, ponde, ao mesmo tempo que S. Exc., chegar até aqui, que se envolve em todas as discussões, que tem sua vida crystallina, exposta ao juizo de quem quer que seja, não recita na comparação da sua vida com a de qualquer ministro.

Fique o nobre ministro certo de que não são somente os descendentes d'El Rei Café que têm o privilegio da honestidade. Esta tambem pôde pertencer áquelles que são humildes, que são obscuros, e que, sem a protecção que vem do nome ou da riqueza — subiram tauto como S. Exc.

Quanto ao juizo que S. Exc. possa fazer do meu procedimento, declino

delle, appellando para o Senado e para o país, que valem muito mais, mesmo muitissimo mais, do que o Sr. Ministro.

Fique certo S. Exc. de que as suas tão apregoadas glorias e os seus grandes talentos não me causam a mais ligeira inveja.

As suas palavras de hontem não fizeram outra coisa que robustecer em meu espirito a convicção de que em nosso país os *parvenus* não são raros. Tenho concluido.

O Sr. ANTONIO PRADO (ministro da agricultura): — Como leu o nome, não ouço o que diz o nobre senador.

O Sr. CANDIDO DE OLIVEIRA: — E isto mesmo. O Senado que julgue entre nós. Nem eu quero ser ouvido por V. Exc.

T. ASSCRIPTION

RIO 9 DE OUTUBRO DE 1888.

SUMMARY: — Polemica parlamentar entre os srs. Lafayette e João Alfredo. Execução de um presidente do conselho.

A *quest attraction* destes dias tem sido o duello parlamentar entre os srs. Lafayette e João Alfredo. Não tenho lembrança de que uma polemica entre membros do parlamento tenha desde longa e remota idade e interesse quanto a esta que vos apresentamos hontem nos leitores do *Jornal do Recife*.

Na sessão de 17 de outubro, o Sr. ministro a palavra sobre o orçamento da agricultura discutido publicamente ante seus proprios assessores e fazendo com idéas e argumentos de ordem politica e oratoria. O Sr. diz que a thèse do discurso é a seguinte: de 13 de maio, haviam-se tomado medidas que abrangiam a agricultura abalo por elle, e a agricultura tem proposto o que se segue: attinge esse fim o agrario em relação ás instituições que se tem em certas classes de industria de estado e de sciencia, e que se ser um espirito naturalmente sarcástico e inclinado ás allusões finas, uma vez apenas fez rir o Senado, e foi que não referindo-se a s. haardos do orador real, projecto por todos condemnado disse o sr. João Alfredo que não contava *nessa sua droga*.

Ninguém desobediencia ás palavras de uma offensa pessoal, e o que se esperava era que no dia seguinte o Sr. Prado, ministro da pasta, se a desasse ao sr. Lafayette.

Com alguma surpresa, pois que a tribuna nunca sobre o orçamento, — virose o sr. João Alfredo a palavra, e essa surpresa subiu de novo quando ouviram o Sr. Lafayette em termos muito duros e n'um tom ainda mais offensivo de que elles. Para ser rigorosamente verdadeiro, devo dizer que o sr. João Alfredo tinha trazido a lição bem estudada e que seu discurso, aliás sem nenhum valor, foi o que elle tem produzido o melhor no senado; mas, por isso mesmo que produzia um certo effeito, os senadores, que bem conhecem, e muitos por experiencia propria, os recursos do senador mineiro olhavam uns para os outros, pasmos de tamanha temeridade. O sr. Lafayette revelou immediatamente a seus amigos o proposito de replicar no dia seguinte, e, para que a discussão não fosse encerrada, tomaram ainda a palavra os srs. Alfonso Celso e Leão Velloso, dos quaes o ultimo declarou que o fazia unicamente para esse fim.

Ao sair do senado o espirituoso senador disse em varios circulos e com expressões sempre muito picantes, que havia de fazer o sr. João Alfredo arrepende-se. O que é certo, é que, na rua do Ouvidor, nos bouds, nas redacções, não se fallava literalmente em outra cousa. Na manhã de 14 as folhas annunciaram, em lugar distincto e typo saliente, o encontro que estava preparado.

Com tudo esse *re lame* pôde-se imaginar a multidão que affluio ao Senado. Maldade da natureza humana! Individuos que nunca absolutamente se interessam pela politica, deixando o espaço e negociação appareceram sómente em busca de emoções. Ao meio dia o edificio do Senado já não podia conter uma pessoa mais.

O orçamento da agricultura devia entrar em discussão á 1 hora da tarde. Pouco depois de aberta a sessão, os curiosos soffreram um grande desapontamento, vendo o sr. João Alfredo esgueirar-se pela multidão e metter-se no seu *coupe*. A ausencia de um dos contentores tiraria ao espectáculo quasi todo o interesse. O facto era que o presidente do conselho approvava de ser sabbado, dia de descanço, o discurso de S. Christovão, para não se ir á casa do seu adversario.

Logo que se viu o sr. Ignácio Alvim, requerendo que a discussão fosse adiada até que comparecesse o presidente do conselho, affluio o sr. Prado, que seu collega por Minas havia de fazer discurso pessoal proferido na vespera. Era o mesmo que dizer que o sr. Lafayette ia proferir tambem um discurso pessoal, e que o ministro da pasta, o sr. A. Prado, estava presente, a todos parecendo que o adiamento não passaria. Foi, porém, approvado por grande maioria, na qual fizeram parte até o sr. ministro, como os srs. F. de A. Junco e José Bento. A sessão foi então suspensa e um ordenança mandando a S. Christovão chamar o sr. João Alfredo.

Está claro que augmentou a acieidade e obrexitou os animos.

Formaram-se logo nos corredores varios circulos, onde todos discutiam a resolução tomada.

O intimo do ministerio vociferavam, na maior exaltação contra o senado que, segundo elles, toda fuma que vê na questão pessoal entre os s. haardos e não podia adiar a discussão de um orçamento cujo ministro se achava presente, de onde concluiam que o voto do senado era um de desconsideração ao sr. João Alfredo.

Fica é lembrar que tinham alguma razão para a aprovação do adiamento, depois do que já se sabia do discurso que o sr. Lafayette ia proferir, fez parecer que o sr. João Alfredo preparava o leito em que queria ver flagellado o ministro.

As duas horas, reaberta a sessão, entrou o sr. João Alfredo, que tomou assento entre os srs. Correia e Taunay.

Logo ás primeiras phrases, pedindo desculpa ao senado por occupar-se com a *enfazada* pessoa do sr. presidente do conselho, percebeu-se que o sr. Lafayette estava resollido a ir, no ataque contra o sr. João Alfredo, até ao limite permittido a respeito de si mesmo e as fumaas literarias que um espirito como o seu nunca infinge.

O plano do discurso foi muito habilmente traçado. O sr. Lafayette propoz-se demonstrar a incapacidade

do ministro da fazenda, por falta de conhecimentos tanto quanto por falta de intelligencia, analysando como se tem elle havido em todas as questões em que tem tido que intervir.

Por este meio, ao mesmo tempo que elevava o discurso, discutindo com a conhecida proficiencia, as mais interessantes questões, offerecia a si mesmo ensejo para qualificar convenientemente o presidente do conselho, cuja absoluta falta de comprehensão deixava provada a proposito de cada uma dellas.

O discurso ainda não foi publicado e dos resumos que appareceram no dia seguinte nem mesmo o *Jornal do Commercio*, que é melhor, dá idéa do que elle foi. Consta-me que o *Gazeta da Tarde*, obteve do sr. Lafayette ser a primeira folha que o imprimia, mas essa mesma só amanhã começará a publicalo. Devo, pois, indicar de memoria alguns pontos que produziram grande effeito até que os leitores do *Jornal do Recife*, tenham o prazer, que nada pôde substituir, de ler integralmente essa peça admiravel.

Está claro que não seguirei nenhuma ordem e que a parte scientifica ou de argumentação nem tentarei reprodizir.

O silencio, o decantado silencio do sr. João Alfredo, imprimia-se desde logo ao seu adversario como um thesouro sobre o qual seu espirito mordaz podia-se exercer com divertimento do senado. De feito, o sr. Lafayette mostrou que tudo quanto o sr. João Alfredo ha conseguido tem sido pelo silencio e que as raras vezes em que falla é para perder tudo quanto por esse meio tem ganho. O modo por que o descreveu abrigado a essa cidadella conquistando posições, começou a fazer rir o auditorio.

O sr. João Alfredo, tinha tido a infelicidade de referir ao senado que, para seber que especie de auxilios devia prestar á fazenda, pedira aos srs. Alfonso Celso, Teixeira Junir e Lafayette uma conferencia para ouvir-os, não com caracter de conselheiros d'estado, mas particularmente, como especialistas em finanças, sobre o que seria melhor. A conferencia terminou confessando-se o sr. João Alfredo completamente leigo na materia e declarando que se entregava inteiramente á fealdade e experiencia dos consultores. Depois de contar com muito detalhe o que se tinha passado, o orador revelou ao senado que involuntariamente, — pois não governamos o pensamento — fez consiga mesmo, ao saber, esta exclamação: «E é a um homem destes que em circunstancias tão difficis está entregue a direção da fazenda publica!» Estas palavras foram ditas de modo que produziam uma gargalhada.

Um dos conselhos dados pelo sr. Lafayette foi que o ministro da fazenda procurasse ouvir alguns homens praticos, negociantes e banqueiros, e elle acatou o conselho. A historia, contada pelo orador, das conferencias entre elles e o sr. João Alfredo é a coisa mais comica que se pôde imaginar.

O ministro ouvia-os taciturno e serio, com uma seriedade indicadissima de *reconditas profundezas*, mas o negociante ou o banqueiro já prevenido de que força ella era, procurava com muito gesto e muita delicadeza explicar-lhe o negao e particular das noções mais elementares. A final, quando depois de muito trabalho, pesando que o ministro estava melhor da que estão, esperava uma resposta, o illustre sibi-se o sr. João

robaram a esposa, com consentimento d'ella segundo se conta.

N'essa tarde fomos ver o choupal, um dos mais bonitos passeios dos arredores, na margem do poético Mondego, e dando uma volta pela feira de S. Bartholomeu que se fazia n'essa occasião, nos recolhemos ao hotel. No seguinte dia fomos visitar muito cedo a celebre igreja de S. Cruz, a frontaria que mostra primorosos labores está muito arruinada, pela frente da porta puzeram-lhe os frades um portico (como a encobrir a horta) da architectura de D. João V, que ainda que bem feito, desdiz completamente do resto, do edificio; entramos, o interior é magestoso, mereço especial menção o pulpito, obra prima da escultura, e de que ja vi o modelo em gesso na Associação dos Architetos em Lisboa, aos lados do altar mor estão os tumulos do venerando Affonso Henriques e de seu filho D. Sancho I, sobre as campas se veem as suas figuras esculpidas, vestidos de armaduras, e de mãos postas, ao fundo veem-se os caracteres e as manoplas ou guantes penduradas da parede; demorei-me a contemplar com respeito aquelle deposito que continha em si, as cinzas d'aquelle homem que se não fosse elle, não se conheceria si quer o nome de Portugal; como muito bem dizia Alexandre Herculano; proximo d'este mosteiro ficavam uns arcos de triumpho, destruidos, a mais de 100 annos, edificados pelos romanos no antigo oppidum, que tinha então o nome de Aeminio; que depois mudara para Conimbriga; nome que tinha uma antiga cidade perto de Condeixa a velha, que era a cabeça do bispado, e que caido em poder dos safricanos esta cidade, se mudou a sede para aquella, e com elle o nome.

Visitamos em seguida a Sé Velha magnifico templo de tres naves, muito antiga, pois parece que foi feita pelos alanos ou então pelos visigodos, grande parte das paredes interiores bem como as columnas, estão cobertas de azulejos, o que acho de mau gosto, ainda que são de muito valor, pois foram trazidos de Sevilha, são de origem arabe e d'um bello esmalte, a capella-mór é um bom specimen do architectura gothica, ha n'ella um rico throno a encarnado e ouro feito no estylo byzantino, pena é estar alguma couza arruinada, ao lado esquerdo depara-se-nos uma rica capella, feita ao qua parece pelos tempos de D. João III tendo em vulto ao redor d'ella, as estatuas dos apostolos feitas, em marmore, ha n'esta Sé muitos jazigos não só de bispos, de entre os quaes se vê o do celebre Bispo negro, elevado aquella dignidade por D. João Affonso I segundo reza a lenda, com o de ricos-homens, cavalleiros, infanções e outros muitos nobres das antigas tem entre ellas, ha um, (couza singular n'esse tempo) que lhe construissem o tumulo fora da igreja, lá está n'uma das paredes exteriores com uma comprida inscripção gothica.

(Continua).

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

Pela ultima vez.

O sr. dr. Firmino Licinio esperou que me ausentasse para vir dar o seu testemunho na celebre questão provocada pelo homem da Vera-cruz. Estou, em todo caso, satisfeito com o que diz o benemerito chefe de policia, por que está evidenciado que o sr. Honorio Parentes, como todos os da sua condição, foi muito levado em aggreddir-ma pela primeira informação. E' verdade que o referido sr. Honorio não declarou, como lhe provoqueei, o nome de seus informantes; mas estes, sejam quaes forem, estão desmentidos pela tardia declaração do sr. dr. Licinio, que afirma não ter em usado da palavra ladrão. Agora liquide o sr. Honorio Parentes e os seus informantes este negocio com o sr. dr. Licinio. Ou aquelle mentio e para decorar-se com um

titulo que quiz alcançar de mim veio com aquella historia de informantes ficticios ou então esses informantes lhe mentiram dizendo-lhe terem ouvido do sr. dr. Licinio uma expressão que este não me attribuiu. Como quer que seja, existindo essa pronunciada e tão palpante divergencia entre o famoso ex-heroe de S. João e os informantes do inventor da Vera-Cruz, eu deixo á esses cavalleiros o encargo de averiguarem entre si o ponto increpado, e liquidado elle, então estarei as ordens do sr. Honorio Parentes. Antes disto, não me compre tomar mais parte na contenda. Cabe agora a palavra aos informantes.

Colonia, 21 de novembro de 1888. CLODOALDO FREITAS.

DECLARAÇÃO.

(TRANSCRIPTO DO «TELEPHONE»).

Nunca o dr. Souza Lima me pediu para assumir a redação da Imprensa, e nem eu em tempo algum occupei esse lugar. Escrevi para essa gazeta mais de dois artigos, á pedido do ex chefe de policia desta provincia, D. Luiz da Silveira, meu adversario politico, porem meu amigo particular.

Esses artigos não versavam sobre politica, tratavam de reduzir á justas proporções uma revoltante calomnia, atirada na rua com arrojado cynismo pelo alferes Hermínio Castello Branco para infamar os creditos dos srs. drs. Miguel Castro, D. Luiz e Souza Lima, dos quaes se constituirá, por moda, inimigo furioso.

Creio ter satisfeito ao apello que se me fez nas columnas da Imprensa; cumprindo-me declarar que a vulgarisação desses pequenos serviços, prestados ao particular amigo dr. D. Luiz da Silveira, não partiu de mim.

A. Gentil.

20—Novembro—1888.

Processo Rabello.

Aggreddo virulentamente no seu caracter de magistrado o nosso honrado amigo dr. Souza Lima, entendendo nos de escrever alguns artigos em sua defeza, explicando os factos, discutindo a questão de direito e levantando a polemica á altura em que se batem os homens de bem—, os cavalleiros.

Os defensores de Herminia conhecendo que no terreno em que nos tinhamos collocado serião vergonhosamente esmagados,—abandonarão o dia, a luz e a moralidade da imprensa e procuraram a treva, o insulto soez, a calomnia surreiteira e vil! Indigne de cavalleiros!

Como ignoram quem somos escolheram uma victima para a pornographia de linguagem,—foi o nosso intelligente e distincto amigo capitão Manoel Lopes Correia Lima.

Pretendiamos discutir a fundo a questão Rabello e assignar o ultimo dos nossos artigos, assim tivessemos como contendor, não um capoeira de faca e navalha, mas um cavalleiro com quem podessamos cruzar a nossa espada.

No momento em que entregamos o campo escolhido aos defensores de Herminia cumpre nos fazer um apello aos homens de bem que nos têm tido, certo de que ficaremos intimamente satisfeitos com o juizo que for expellido a nosso respeito, e é, si nos dois artigos que temos publicado ultrapassámos os limites da decencia jornalística ou si, ao contrario, havemos defendido o nosso amigo com as palavras do processo, sem calumniar, sem injuriar, sem mentir.

O capitão Manoel Lopes está muito acima dos insultos que lhe atiram os defensores de Herminia; são tão baixos insultos e insultadores que o nosso amigo não os encherá na lama a que descem, e donde poderão á vontade exercitar o papel para que se mostram tão bem talhados.

Uma verdade ja se pode concluir de tudo isto: é que os criminosos estão insultado o dr. Souza Lima e sua familia com pre-

meditado calculo, que, contra gosto dos calumniadores, não suporta o effeito desejado.

Defensores de Herminia, continuava injuriar e calumniar, é este o vosso elemento; fóra d'ahi haveis de morrer como a planta ao calor ardente do sol. Um amigo.

Uma festa a bordo do «The-resinense».

Pouco depois da hora aprazada (nove da manhã), os convidados apinhados sobre o caes tomavam ingresso á bordo do vapor que os ia levar á S. Martinho.

Estava eu presente na occasião essa esplendida manhã de 26 em que o sol dard'java seus raios com ardor, concorrendo para a brancura e limpidez da atmosphera, uma verdadeira manhã canicular, em que o sol o rei dominador das modas, mandava ás nossas costellas que se abrissem de brazas.

A imponencia da festa dava-se bem com a magestade do ar.

Como que a natureza quiz também pagar tributo ao casal de noivos, trabalhando para essa festa, dominou um dia festivo e vibrante, e os artigos commemorando-a para a nossa imprensa solemne.

Não tardou muito que eu me achasse á bordo do vapor, e de lá vi os marinheiros cargar os cabos, recolher a prancha, e livre do constrangimento que o prendia á terra, baloiçar-se garboso nas aguas do rio.

Dada a volta que a mancha exige, e que parece antes um cumprimento gentil do vapor aos que ficam em terra, poz-se este em ordem de marcha ao porto desejado.

A bordo iam mais de cem pessoas, de ambos os credos politicos (e digo ambos e não todos na suposição—talvez erronea—de não existirem ainda republicanos entre nós, apesar dos ingentes esforços feitos por Um Federalista nas columnas do «Telephone», para que elles appareçam) e não deixei de ficar contrariado pela circumstancia que obrigou a este. O sr. presidente da provincia á voltar para terra, por que assim entenderam os conservadores da União que estão fazendo tudo ao juiz de direito, e s, exc. tinha de prover de prompto remedio áquelle caso extraordinario.

Esta foi a nota dissonante da festa, que veio quebrar em meio a harmonia da mesma.

Antes de começar o almoço, foi o tempo entretido na doce palestra amigã, em que fulgurava o genio bondoso d'esse homem affavel que se encontra sempre bem disposto em qualquer occasião: o coronel J. da Cruz. Do seu semblante irradiava o jubilo, que lhe ia na alma, e á ninguém mais de perto do que á elle tocava essa festa, tornando-se o triumphador d'ella, o centro em torno do qual gravitavam as ovações que eram dirigidas aos noivos e ás quaes ia sempre intercalado o seu nome.

Suon a hora do almoço. A peiza, profasamente servida, que deitava a voracidade de um Pantagruel, estendia-se da escada do vapor ao camarote do commandante, tomando quasi um lado.

Rompem o primeiro brinde o dr. Simplicio Mendes, que, felicitando os noivos, cumprimentou o pai do noivo, coronel Cruz.

Era de ver o enthusiasmo do bom velho (refiro-me ao dr. Simplicio), esse velho jovial, de um espirito vivaz e scintillante, apesar dos seus 60 o tantos jazeiros bem puchados, tomando parte nos torpedos da mocidade, e que parece dotado de um espirito vigoroso.

Sucedeu-lhe com a palavra o dr. Souza Lima, que abundo em considerações judiciosas sobre o matrimonio, falando sempre com aquella correção de linguagem, reflexão e bom senso que todos lhe reconhecem.

Seguiu-se com a palavra o capitão Fernando Freire, o ex-inspector da Fernovaria, como é mais conhecido, um velho popularissimo, de umas risadas muito francas, muito accessivel,

e que reúne em torno de seu nome muitas sympathias.

Coube ainda a palavra ao dr. Firmino Martins, que tem arde de atleta, cuja presença do espirito e entono de voz denota a convicção com que elle falla, parecendo na tribuna um orador romano. E' uma tempera de aço, vasada nos moldes da democracia pura, um coração aberto á todas as grandezas.

Emquanto isto se passava á minha esquerda, com aquelles que se sentavam ao lado do coronel Cruz, que occupava o topo da meza, cá na outra extremidade, que era presidida pelos noivos, achava-me eu ao lado de tres batalhadores das letras, sábidos das pugnas incruentas da Idéa, e o capitão J. Lopes saltitando nas pontas dos pés, sempre alegre e folgazão, com o riso desabrido nos labios, torturava-nos em frente para que fizéssemos uso da palavra, como o diploma que possuímos impõe-nos a obrigação de não fingirmos n'essas occasiões, cada um foi cedendo por sua vez, á começar pelo dr. Rubim, que na imprensa representa a alliança dos partidos, seguindo-o o dr. Cezar Rego, que fez a apologia do casamento e de algum modo demonstrou os deveres dos esposos.

O desposio por q' affina este illustre cavalleiro, o tom mais ou menos vibrante que imprime ás suas palavras, não deixa de ser promettedor, e contrasta com a modestia e acanhamento natural do dr. Rubim que é antes de tudo dotado de um carácter tímido.

Chegou a vez de fallar o dr. Anísio de Abreu, e pela bôcca d'elle, disse eu—comigo mesmo, vão fallar todas as musas.

E não me enganei, porque o dr. Anísio entrou no assumpto fazendo valer o seu verbo sempre inspirado em demonstração do apreço da festa do dia.

Escudando-me na palavra autorizada dos mais velhos e no verbo fulgurante e inspirado dos mais moços, fiz minhas as considerações com que todos illustraram suas ovações.

Mas não ficou ahí. Oraram ainda os srs. capitães Francisco Freire e Manoel Lopes, respondendo á todas as saútes do sr. dr. Custodio dos Santos, que, com palavra energica e segura, atrahiu todas as vistas, fechou com chave de ouro aquella festa que nascera com um poema de amor.

O dr. Christino completando assim sua existencia com a outra metade do seu ser, deve sentir-se jubioso, radiante de al-gria, pela manifestação honrosa de que foi alvo.

Ao anoitecer do dia 26, voltavam os e convidados contentissimos, por termettido em casa um bom dia.

Mas não devo concluir sem narrar um episodio que achei interessantissimo—emquanto falava o dr. Anísio, não sei que transcorria dentro da marcha do vapor, que o João Climaco, surdo e indifferente ao que se passava na meza, e perfeitamente interessado com a marcha de seu navio, gritava, á poucos passos: «está atracado! está atracado!» e isto repetidas vezes; e esta voz destacando-se no meio do silencio, e da multidão, e á cada phrase que dizia o dr. Anísio não deixava de ter sua graça, e excitava o riso, que só foi sopitado, porque o momento impunha respeito.

E assim terminou essa festa, no meio do mais cordial contentamento, porque sentia-se que todos estavam satisfeittissimos.

Ao papae Damasio.

Vai-te lajé... deixa á Parnabyha... Vai-te para os infernos satanaz!... Vai-te foria... vai-te... vai-te impaz Não soffra o teu genio alternativa.

Deixas cá muita gente apuz captiva De tuas parvoices de rapaz... Deixas a quadrilha que se apraz De ver-te bem movido machina activa.

Ora, sirva-te de exemplo esta lição E se o mal fado teu nunca mudar De conselho presidires sem panhar

Andar de outra maneira, é mandar Segue esse fado... essa paixão... De informação não d'ores sem bom pão....

Parnabyha, 8 de outubro de 1888.

Sá Turillo.

A «Epoca» e o dr. Clodoaldo Freitas.

A «Epoca», noticiando a partida do illustre sr. dr. Clodoaldo Freitas, para a comarca de S. Philomena, que muito acertadamente lhe fora confiada para administrar justiça, como juiz municipal, teve só por fim passar formidável decompostura no digno magistrado que tão zelosamente exerceu igual cargo em duas comarcas da provincia, sem que sobre sua judicatura se houvesse levantado a mais eve censura, partisse ella de particulares, ou da propria «Epoca», que hoje lhe descobre defeitos e baldas, suppondo-o talvez igual aos Helvidio, Leopoldino, Thomaz, e Martins.

O despeito, de certo, foi o agente que demoveu o jornal do governo e do centro a externar-se tão injusta e apaixonadamente contra tão distincto cavalleiro; odio que só acha explicação na tenaz e justa opposição que aquelle fizera ás ominosas administrações dos Lóes, Prados, Jansens e Castro.

Quem estiver com o espirito desprevenido ao ler o amontuado de insultos, conhecerá que só o odio mal contido da gazeta official levou-a a externar-se de modo tão brusco e inconveniente contra quem se acha ausente, e que, de prompto, não pode dar uma resposta conveniente aos assaltos feitos a sua honra e probidade de juiz.

Como dissemos o distincto sr. dr. Clodoaldo exerceo igual cargo n'esta, e na comarca de Valença, e a «Epoca» sempre prompta a ferir a todos os juizes liberais, e a baratear os mais illibados caracteres dos nossos amigos, guardou sobre os actos do referido dr. o maior silencio, o que prova que elle se houve bem e com criterio, distribuindo justiça com igualdade, e respeitando o direito de todos.

—Externar anticipadamente juizo contra um empregado que ainda não assumio o seu exercicio, e por modo tão inconveniente, só revela esse juizo odio, despeito e paixão; e nisto consiste a mais formal e brilhante defeza ao magistrado insultado.

—Causa admiração prevenir a «Epoca» a seus co-religionarios—que vão ter um juiz desbragado, sem escrupulos, capaz de todos os actos, que não recua diante de cousa alguma, partidario energumeno e rancoroso, e que contra elles se previnção, quando n'aquelle localidade só existem—um chefe conservador, que por quatro vezes respondeu jury—por homicidio (1) e por furto de gados (3) e um soldado boçal que exerce indignamente o cargo de promotor!

Que partido! que co-religionarios! —O desmentido mais formal que o dr. Clodoaldo pode oppor ao juizo desvairado e apaixonado da «Epoca», está na razão da aggressão, e no modo por que o ataca; pois nunca mendigou elogios do orgão vermelho de quem antes deseja o insulto do que o elogio de cheir, deletorios que faz torcer a face ao proprio elogiado.

Mais feliz se julga elle sendo assim avaliado pela «Epoca», do que com os seus encomios: estes e aquelles nada significão.

Esta é que é a verdade.

—O probe e respeitabilissimo coronel Lustosa, terá um pessimo do illustre dr. um amigo sincero, e o juiz cumpridor dos seus deveres, nunca, porem, um instrumento, dos quaes não precisa e não faz uso, como dos Leopoldinos se servem os Piachyhuos.

—Felicitaros os habitantes de S. Philomena—por terem como juiz—o dr. Clodoaldo Freitas, em quem transparecem, apart d'outra intelligencia superior e irvejavel, qualidades adiversas que o tornão recommendado com particular—ou como funcionario publico.

Imparcial.

